

A Ideia de Fenomenologia na Dinâmica Pedagógica em Intervenção Motora Educacional

PEDRO SOARES ONOFRE (*)

O conceito de *Fenomenologia* veio trazer-me grandes suportes para o meu entendimento sobre o que é *Percepcionar*; o que é *Aprender*.

Tentar entender o fenómeno perceptivo tem sido um trabalho decisivo na qualidade da escolha metodológica e do desenvolvimento e aperfeiçoamento prático da pedagogia que ensaio sistematizar.

Este aprofundamento científico diz-me que o «Eu», agente de aprendizagem, nunca existe isolado e independente das suas relações práticas. Dito de outra maneira, o «Eu» é um ente psicológico, não puro, que se encontra «mergulhado» no mundo e empenhado existencial e essencialmente nas situações que o envolvem e o vão localizar através de uma intencionalidade de relação «Sujeito-Situação», que ele manipula.

Nem sequer se trata de imaginar que esta relação uniria dois pólos isoláveis, uma vez que, pelo contrário, tanto o «Eu» como a «Situação» só são definíveis nesta e por esta «Relação».

Não mais se poderá dizer que há uma interioridade perceptiva do «Eu», nem uma exterioridade a perceber da «Situação», pois que a pessoa está no mundo e é nele que se conhece. Dito de outras maneiras, por um lado, o mundo não é explicado apenas como exterioridade, mas

afirmando-se como ambiente, por outro, a pessoa não é explicada apenas como interioridade, dirigindo o seu comportamento através de uma consciência fechada, mas afirmando-se como existente, numa aprendizagem vivida e actuante e até, por vezes, inconscientemente em si mesmo, onde se irão definindo e registando as relações do dar conta do que vai fazendo, em construção de um sentido.

Daí que dar conta das situações e das coisas é algo perceptivo que faz sempre parte de um campo de acção continuada para além de uma simples percepção. Está sempre envolvido num todo que nem sempre é logo evidente, indo surpreender-nos com algo inesperado e aparentemente contraditório mas, afinal, também transformador e aberto a novos conhecimentos (com os seus ajustes, reajustes, correcções e aperfeiçoamentos).

Também não são as impressões imediatas que valem, que esclarecem e que consciencializam. Antes, pelo contrário, a nossa consciência só será testemunho do fenómeno perceptivo se houver continuidade com constância e criatividade na apropriação dessas impressões.

Tudo se passará como num campo perceptivo aberto, em estruturação progressiva dessas impressões espontâneas, que são «partes»..., para uma possível ordenação e articulação «de um todo» comportamental.

Portanto, se é um campo aberto, «os efeitos»

(*) Licenciado em Educação Física. Especialista em Motricidade Infantil.

não são tão claramente atribuíveis e relacionáveis com «uma causa unívoca». Daí, a resultante minha desconfiança a propósito de um exagerado uso do «pensamento causal».

Ficamos com um conceito de campo que vem dizer que nenhuma experimentação bastará só por si e que nada é explicável definitivamente.

De facto, em pedagogia tudo está a mudar. Há cada vez mais hipóteses de respostas e de entendimento de relações,... numa riqueza divergente de «verdades».

A minha prática, que quero disponível, intuitiva e aprofundante, tem vindo a ser «incomodada» cientificamente com efeitos de abertura e transformação, que me tem surpreendido, «desequilibrando-me» agradavelmente para o «cumprimento da minha aventura de ser capaz» com urgência de mudança apesar de numa certa oscilação entre a angústia e o sucesso.

Daqui que a minha postura pedagógica e de adulto, em *Intervenção Motora Educacional* com miúdos com necessidades específicas de educação, se tem situado, prática e teoricamente, no reconhecimento de que eles precisam, também, «de se cumprirem na sua aventura de vida». Este cumprimento terá que iniciar-se a partir da sua «raiz motora», antes de os submetermos às aprendizagens metódicas dos «saber-fazer», que a nossa rigidez-cultural-preconceituada está sempre a «prégar».

Toda a aprendizagem será inglória, «colocada com cuspo», se os miúdos não estiverem, de facto, na origem do seu projecto educativo. E, este projecto tem sido válido porque tenho procurado situá-los no seu campo perceptivo, onde os objectivos das suas acções se inscrevem nos projectos pessoais da «intenção» ou do «impulso» de cada um. Serão «esses projectos» que presidirão aos processos sucessivos de outras suas acções.

Este espaço perceptivo, que se vai abrindo em experiência activa muito pessoal, que procuro que «parta sempre da raiz espontânea dos miúdos», tem-os motivado a organizarem aí a sequência das suas percepções. Para que melhor se entenda tudo o que tenho vindo a dizer, a propósito da Ideia de Dinâmica Fenomenológica da «aventura» educacional dos miúdos, será preciso sublinhar que a minha metodologia procura o seu grande suporte no

desevolvimento da sua disponibilidade corporal e motora.

Na minha Intervenção Motora Educacional, é minha opção motivar que a motricidade espontânea (a holocinese) tenha uma duração muito extensa, não só em quantidade como em qualidade prática e sem modelos pré-estabelecidos. Procuro não interferir intencional e precocemente nos processos profundos dos sistemas automatizados e reflexológicos. E isto, para que se possa dar uma saudável e «bem seleccionada» troca perceptiva com o meio, com as situações, com os outros miúdos e comigo. Até porque, ao procurar intuir a oportunidade, quando eu julgar possível, de motivar «um dar conta de si» e «do seu movimento» (a idiocinese) só assim o nível intencional de aprendizagem se revelará e produzirá eficácia. Dito de outra maneira, o nível intencional de aprendizagem será tanto melhor «respondido» pela «conexão-harmónica» neuro-motora, se for respeitado ao máximo «o impulso» cósmico de ser, espontâneo nos miúdos.

Então sim, porque terei respeitado e esperado por este «cumprir-se», desde a espontaneidade à intencionalidade, virei a reconhecer que a consciencialização do comportamento, desde a motricidade, terá agora a sua eficácia e conferirá, a eles, qualidades específicas, exploratórias e cognitivas.

A minha opção educacional vai na direcção de uma aprendizagem que admita estas bases significativamente autonomizantes, em que o adulto não deverá antecipar as soluções de resposta mas, muito pelo contrário, elas deverão ser encontradas em auto e cogestão, natural e espontânea, não exterior aos miúdos. Será, sim, numa natural adaptação às condições existenciais do meio ambiente, integrando as diversas situações em comunicação oportuna, viva e concreta de onde poderão resultar desenvolvimentos sociais e cooperativos. Tudo isto, desde que não de uma forma «pedagoga» de julgar que eu seria capaz quando e como fazê-lo. Terei que esperar pela miudagem que no seu sentir e fazer, «mo dirá»..., e mesmo quando na sua aparente insuficiência do «pega e larga».

Do conceito de Fenomenologia se entende que o psicológico e o social não são entidades que se encontrem organizadas mas, antes, algo que se vai aprendendo, porque vividos e tratados,

e desde que, à medida de cada um e dependente da oportunidade, da quantidade e da qualidade da experimentação.

Procuo que «tudo isto» vá depender da multiplicidade das impressões que os miúdos parecem sentir continuamente mas que é num determinado «instante» bem «presente» e insubstituível no «Aqui e Agora», que «aparecerá» carregado de intencionalidade, de precisão e objectividade.

Será preciso, então, uma Pedagogia do Instante, da simpatia, do contágio e da descoberta, em ligação com o oportuno despertar psicomotor, desde as atitudes corporais e posturais até ao controlo da sua motricidade.

Uma pedagogia do instante que confirme o gesto que vem «a cumprir-se» e que fará os miúdos «sentirem-se» na satisfação e no prazer de o ter realizado.

Uma simpatia sintonizante na co-gestão da organização, em constante embate tónico e emocional, muito significante.

Um contágio de uma incitação verbal mas deixando-os mais sentir do que pronunciarem-se precocemente sobre as situações.

Uma pedagogia de descoberta perante os movimentos e os sons (ruídos, palavras ou frases), seus «impulsos de ser», para que estes «materiais» psicomotores e linguísticos, expressos pelos miúdos se desenvolvam em acção motivada com constante provocação de ressonância, de imitação e de reprodução de si, dos outros e de mim.

A intencionalidade com que o instante aparece carregado, terá de ser apanhada pela maior ou menor disponibilidade da Intuição dos miúdos, para que aquilo que pareça que está a emergir para um despertar de consciência imediata «não se perca» na sua objectividade e precisão de «género relâmpago».

Antes, pelo contrário, a Intuição, sempre de carácter urgente, originário, imediato e concreto, irá funcionar para preencher essa «intenção original», dando-lhe «corpo» e adequando esse «sentir» em passagem à percepção.

A Intuição é, aqui, um factor psicológico de base. Só ela saberá adequar a Percepção do Instante no gerar da aprendizagem, que se irá organizando.

É então, que eu procuro, através de uma proximidade motivante para a comunicação,

«mergulhar» nas dificuldades dos miúdos, entregando-me como que «prisioneiro» da sua expressividade psicomotora e linguística, assumindo eu, também, o desenvolvimento da «minha própria intuição».

Eles só chegarão ao entendimento se tiverem o concreto de «um dado»; ... «o seu dado». Este dado irá ser o produto e a informação da sua experiência ou experimentação.

«O dado» será como que um tópico para a elaboração cognitiva, desde o elemento perceptivo mais primitivo que se irá desenvolvendo em auto-produção,... desde «aquilo» que sentem até à causa do que vão dando conta, e ao resultado e eficácia... que os vai informando. Dito de outra maneira, começa a resultar um entendimento em actividade, uma vez que nada está separado, nem é percebido separadamente, do exterior... à interiorização, do sensível... à ideia da experiência e desta... à elaboração do significado, concretizável em símbolos.

Daqui, então, ser esta a metodologia, onde procuro que tenha por base a criatividade na resolução dos problemas da aprendizagem, que melhor me parece servir, motivar e responder aos miúdos que tiverem necessidades específicas de educação.

É esta a minha intenção, o meu estudo e a minha prática na metodologia que tenha vindo a implementar...

BIBLIOGRAFIA

- Aucouturier et al. *Bruno*. Lisboa: Socicultura.
- Azemar, G. (1975). Plaidoyer par L'Aveture Motrice. *Sprit*, Mai.
- Azemar, G. (1977). La Function Ludique; Sources dans L'Ontogénese de L'Homme. *Boletim ISEFL*, 5(30).
- Bachelard, G. (1947). *La Terre et les Rêveries de la Volonté*. Paris: Ed. Corti.
- Bachelard, G. (1985). *L'Intuition de L'Instante*. Paris: Ed. Denoel.
- Bachelard, G. (1987). *A Filosofia do Não*. Lisboa: Editorial Presença.
- Bernard, M. (1972). *Le Corps*. Paris: Ed. Universitaires.
- Brohm, J.M. (1975). *Corps et Politique*. Paris: Ed. Universitaires.
- Denis, D. (1974). *Le Corps Enseigné*. Paris: Ed. Universitaires.

- Habermas, J. (1990). *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Lisboa: Ed. Dom Quixote.
- Husserl, E. (1986). *A Ideia de Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70.
- Ikemi & Deshimaru (1985). *Zen et Self-control*. Paris: Ed. Albin Michel.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Ed. Gallimard.
- Onofre, P. (1990). Da Noção de Motricidade à Noção de Psico-Sociomotricidade ... ou à Ideia de Motricidade Humana...?! *Cadernos do Internato*, 1(1).
- Onofre, P. (1991). Estratégias Pedagógicas de Dinâmica Fenomenológica num Trajecto de Intervenção Educacional. *Educação Especial e Reabilitação*, 4(1).
- Sartre, J.P. *Esboço de uma Teoria de Emoções*. Lisboa: Editorial Presença.
- Schilher, P. (1968). *L'Image du Corps*. Paris: Ed. Gallimard.
- Sérgio, M. (1986). *Motricidade Humana, uma Nova Ciência do Homem*. Lisboa: Min. Ed. Cultura.
- Soulé (1981). *A Criança e o seu Corpo. Psicossomática da Primeira Infância*. São Paulo: Ed. Zahar.
- Vigotsky (1973). *Pensamiento y Lenguaje*. Buenos Aires: Plèyade.
- Wallon, H. (1969). Vários artigos sobre Psicologia e Educação da Criança. *Enfance*.
- Whitehead (1987). *Simbolismo, o seu Significado e Efeito*. Lisboa: Edições 70.

RESUMO

O Autor parte da Ideia Fenomenológica do que é Percepcionar para a inserir na investigação metodológica da sua prática de Intervenção Motora Educacional, com crianças com necessidades específicas de educação.

Baseando a sua metodologia educativa em quatro pressupostos nucleares: (1) o sujeito e a situação só são definíveis em relação recíproca, (2) algo perceptivo faz sempre parte de acções continuadas, (3) o psicológico e o social são entidades que se vão aprendendo à medida que vividos e tratados, (4) a motricidade terá que ter uma duração muito extensa para a eficácia da aprendizagem, desenvolve a Intervenção Motora Educacional num respeito rigoroso

pela Descoberta, Criatividade, Intuição, Autogestão, Cogestão para a construção de aprendizagens significativas a partir da motricidade espontânea... até à comunicação intencional e total.

RESUME

Partant de l'idée Phenomenologique de ce qu'est Perceptionner l'auteur integre cette même idée dans sa pratique methodologique d'Intervention Motrice Educationelle avec des enfants handicapés.

Sa methodologie educative s'appuie sur quatre idées fondamentales: (1) le sujet et la situation ne peuvent être definies qu'en relation reciproque, (2) ce qui est perceptible fait toujours partie d'une action continue, (3) le psychologique et le social sont des entités qui s'apprennent au fur et à mesure qu'elles sont vécues et traitées, (4) la motricité devra avoir une très grand duration pour un apprentissage efficace, et dans sa perspective, l'Intervention Motrice Educationelle devra respecter rigoureusement la decouverte, la creativité, l'intuition, l'autogestion et la cogestion pour la constrution des apprentissages significatifs à partir de la motricité spontannée jusqu'attendre la communication intentionnelle et totale.

ABSTRACT

Starting out from the phenomenologic idea of perception, the author inserts that same idea in his own methodological practice of Motor Educational Intervenience towards children with specific education needs.

Basing his educational methodology in four nuclear issues: (1) The subject and the situation are only defined in reciprocal relationships; (2) What is perceptible is always part of continuous actions; (3) The psychological and social are entities which are acquainted as they are experienced and treated; (4) Motricity implies a long term practice to accomplish the abilities efficiently and develops the Motor Educational Intervenience within a deep respect for Discovery, Creativity, Intuition, Self-management and Co-management for the global edification of significant apprenticeship from spontaneous motricity to the total and intentional communication.